

TECNOLOGIAS DIGITAIS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO LONGITUDINAL ACERCA DA APRENDIZAGEM EM AMBIENTES ONLINE

ANTONIELA RODRIGUEZ MARTINS¹; RODRIGO INÁCIO DE CASTRO²;
LIDIANE SILVA DA SILVA³; MÔNICA OLIVEIRA RAMOS BANDEIRA⁴; ROSÁRIA
ILGENFRITZ SPEROTTO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – antoniela.rodriguez@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – les_ted@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lidisilvaa@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – monicabandeira@outlook.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – ris1205@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o recorte inicial do projeto “As Tecnologias Digitais como Dispositivos de Produção de Subjetividade e de Aprendizagem”, tendo seu início em 2008. Durante a primeira fase deste projeto buscou-se investigar 320 alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública e outra privada da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. O grupo de discentes compreende indivíduos nascidos nos anos 90, denominados por PRENSKY (2001) de nativos digitais.

Durante a investigação analisou-se o modo como estes jovens utilizam as Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC). Percebeu-se que conexões através dos diferentes dispositivos presentes na Internet oportunizam o desenvolvimento de habilidades cognitivas psicomotoras e perceptivas diferenciadas das presentes nas instituições escolares.

Da mesma maneira, constatou-se que os Sites de Redes Sociais (SRS) desencadeiam novas constituições subjetivas, promovendo a produção de conhecimentos que se potencializa através das interações nesses ambientes, uma vez que a partir das sociabilidades em rede os sujeitos estabelecem-se outras formas de aprendizagens.

As diversas formas de sociabilidades surgidas com as mídias sociais, como, por exemplo, os Blogs, Wikis SRS, Fóruns de discussão entre outros, são evidências de que a Internet, hoje, configura-se como uma central de distribuição de valores (GUATTARI; ROLNIK, 2007). Com isso queremos dizer que a rede telemática constitui-se como um grande sistema de referência para a constituição de subjetividades dos alunos desta contemporaneidade. Entende-se, então, que os espaços viabilizados por estas redes podem operar não só como extensão da sala de aula, mas também com a possibilidade de outras formas de aprendizagens e compartilhamentos, deixando surgirem diferentes modos de ser estudante (MARGARITES, 2011).

Esta pesquisa foca temas ligados às transformações contemporâneas, produção de conhecimentos e investigação das sociabilidades nos ambientes *online*, nos quais os SRS estão sendo propulsores desses novos comportamentos.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva analisar como os estudantes presentes na fase inicial da pesquisa estão utilizando as mídias sociais contemporâneas, mais especificamente o SRS Facebook no contexto

educacional, a fim de apontar possibilidades de ações no contexto universitário que contemplem o uso destas tecnologias.

2. METODOLOGIA

Como referencial metodológico a pesquisa embasa-se no método cartográfico, buscando assim formas de ‘olhar os dados’ encontrados ao longo da investigação. Do mesmo modo, utiliza-se a etnografia virtual como método de captura e de coleta destes dados. O termo etnografia virtual ou “netnografia” foi cunhado, na década de oitenta, por KOZINETS (1998), especialista em marketing que mantinha um interesse especial por cibermarketing. Segundo o autor, etnografia virtual compreende tanto o trabalho de campo como a descrição textual do mesmo. Os processos são metodologicamente conduzidos pelas tradições e técnicas da antropologia cultural. A metodologia tem sido utilizada para pesquisar redes sociais *online* presentes em diversos suportes (GUTUERREZ, 2009).

Já a cartografia constitui-se como um modo de olhar o *corpus* de pesquisa que considera os coletivos humanos, as tecnologias e os discursos como produtores de subjetividades, que nunca estão “dadas” ou “acabadas”, mas sempre em processo de constituição. Assim, a cartografia permite aproximações diferenciadas por estar aberta aos movimentos, aos desvios, à diversidade.

O método cartográfico trata de processos construídos durante a sua efetuação, ou seja: não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim, mas construir um caminho de acordo com as demandas e necessidades que surgem no decurso dos acontecimentos e dos efeitos das proposições nos corpos dos sujeitos. DEKEUZE; GUATARRI (1995) sublinham que a cartografia desenha os movimentos que não são completamente aprendidos, mas seguidos por uma atenção flutuante. O método cartográfico “visa acompanhar um processo e não representar um objeto” (KASTRUP, 2007).

Inspirados por essas duas vertentes metodológicas criou-se os seguintes processos de pesquisa: Realizou-se então o rastreamento dos 320 estudantes da fase anterior da pesquisa (2008) buscando identificar o perfil de cada um no Facebook.

O primeiro contato com os 320 estudantes foi com o piloto, através de um formulário criado no *web software* Google Docs com questões estruturadas e semiestruturadas enviado aos estudantes por mensagem *inbox* no Facebook, a qual continha o convite para o preenchimento e participação na pesquisa.

Atualmente, o Grupo de pesquisa Comunicação, Cultura, Tecnologias e Modos de Subjetivação (CoCTec) obteve, mediante autorização da Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), acesso ao banco de dados referente aos estudantes matriculados nos cursos de graduação (modalidade presencial e a distância), todos nascidos após os anos 90, ou seja, nativos digitais.

Após o recebimento das respostas do piloto, foram rastreados os 13 mil nativos digitais que ingressaram na Universidade até o ano 2013/1. Visando o maior alcance dos estudantes da UFPEL, um formulário semelhante ao piloto foi disponibilizado para preenchimento no ato da matrícula *online*. Esta etapa foi concluída com o término do período de matrículas de 2013/1, estando em andamento o tratamento e análise desses dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatou-se que os 320 estudantes, em 2008, acessavam diariamente a Internet; usavam a Wikipedia para realizar trabalhos escolares e o *Windows Live Messenger* (*software* de comunicação *online*) para comunicarem-se entre si. Todos possuíam perfil no SRS Orkut, bem como comunidades no mesmo para o contato fora do período de aula.

Além dos *softwares* e serviços citados anteriormente, ainda utilizavam outras mídias sociais, entre elas: Fotologs, Blogs e *Games* (*online*). Também identificou-se o uso do telefone celular e do serviço de *e-mail*. Cabe ressaltar que o tempo diário de permanência *online* era, em média, de seis horas. Destaca-se, ainda, que no período de coleta dos dados (2008), não ocorria o acesso à Internet via telefone celular por parte destes estudantes.

Constatou-se que hoje muitos dos investigados na fase inicial da pesquisa frequentam diversos cursos de graduação nas Instituições de Ensino Superior (IES) do Rio Grande do Sul. Sendo que a maioria desses alunos encontra-se na UFPEL. Dessa forma, estamos acompanhando esses discentes ao longo de nossa pesquisa, podendo assim caracterizar esse grupo como parte de um estudo longitudinal que problematiza a relação entre as mídias sociais e a aprendizagem no contemporâneo.

Foram rastreados os 13 mil estudantes, nativos digitais. Após todos os rastreamentos, o Grupo CoCTec encontra-se na etapa de tratamento dos dados referentes aos primeiros questionários enviados aos alunos da UFPEL.

Objetivando um maior contato com os discentes, foi criada uma página¹ no Facebook (*Fan Page*) que atua como um canal de comunicação e interação entre o Grupo de pesquisa e os sujeitos estudados. Os resultados dessa investigação serão apresentados aos estudantes e demais membros da comunidade através dessa página.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir, a partir da breve análise dos 320 sujeitos da fase inicial, que a aprendizagem pode acontecer de diferentes modos nos ambientes *online*. Um SRS se constitui com pessoas e entre essas há interação. Dessa forma, os SRS oportunizam encontros entre indivíduos dos quais, antes da Internet, somente eram possíveis mediante deslocamento físico. Sendo assim, um SRS possibilita a produção de conhecimentos partilhados em rede. Torna-se evidente, então, que as interações consolidam aprendizagens que não constam nos currículos escolares.

Com a continuidade desta pesquisa, espera-se fornecer subsídios para a formulação de propostas e práticas educativas que contemplem o uso das mídias sociais nos processos de aprendizagem. Do mesmo modo, desejamos fomentar discussões e reflexões sobre a utilização das mídias sociais no contexto educacional em diferentes níveis acadêmicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1995.

¹ www.facebook.com/coctec (acesso em 10 de outubro de 2013).

- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 7 ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GUTIERREZ, S. **A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line**. Acessado em 28 set 2013. Online. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/gt16-5768--int.pdf>>. Acesso em: ago. 2012.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo - uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KOZINETS, R. V. **Netnography - Doing Ethnographic Research on-line**. Londres: SAGE, 2010.
- KOZINETS, R. V. **On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture**. In: ALBA, J; HUTCHINSON, W. *Advances in Consumer Research*, Provo-UT:Association for Consumer Research, 1998.
- KOZINETS, R. V. **The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities**. *Journal of Marketing Research*, 39, 2002.
- MARGARITES, A. P. F, **Subjetividade e Redes Sociais na Internet: As relações entre estudantes e professores no contemporâneo**. 2011. 116f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.
- PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently?** Acessado em: 2 out. 2013. Online. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20%20Part2.pdf>